

**A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DAS CONQUISTAS DAS COPAS DO MUNDO DE
FUTEBOL NO JORNAL O GLOBO**

**THE IMAGETIC CONSTRUCTION OF BRAZILIAN SOCCER WORLD CUP'S
VICTORIES IN "O GLOBO" NEWSPAPER**

MOREL, Marcia

Universidade Estadual de Santa Cruz

morelmarcia@yahoo.com.br

COTES, Marcial

Universidade Estadual de Santa Cruz

cotesmarcial@yahoo.com.br

SANTOS, Vinícius Moura Eça

Universidade Estadual de Santa Cruz

vinicius.uesc@yahoo.com.br

SANTOS, Doiara Silva dos

Universidade Estadual de Santa Cruz

doiarasantos@yahoo.com.br

MEDEIROS, Ana Gabriela

Universidade Estadual de Santa Cruz

gabimedeirosef@gmail.com

RESUMO As reflexões acerca da memória esportiva pelo jornal sedimentam a sua importância como um meio de comunicação de identidades transitórias e definitivas, nem sempre percebidas, muitas vezes subjetivas. Os autores tiveram como objetivo analisar a construção imagética das primeiras páginas do jornal O Globo, na edição seguinte após as conquistas das Copas do Mundo de Futebol pela seleção brasileira masculina. Foi adotado um pluralismo metodológico com a utilização da análise semiótica e da análise de conteúdo de fontes primárias. Os resultados das análises

mostram que a primeira página cumpre o desafio de provocar em sua narrativa a “excitação” que acompanha o acontecimento narrado, e a produção, a seleção e a disposição das imagens são operacionalizadas para resgatar a emoção vivida. A construção imagética das capas apresenta uma circulação e um revezamento entre os elementos textuais, narrativas, fotografias e charges enquanto componentes da memória coletiva.

Palavras-Chave: O Globo. Copa do Mundo. Mídia impressa. Futebol.

ABSTRACT The reflexivity about sport memory through a newspaper settle its importance as a vehicle that communicates transitory and definitive identities, not always perceived, but mostly subjective. The authors aimed to analyze the imagetic construction of the O Globo's cover pages on the Brazilian men's soccer teams' World Cup victories. A plural methodology was adopted based on semiotic and content analysis of primary sources. Results demonstrate that the analyzed cover pages meet the challenge of causing the “excitement” that comes from the narrated fact and the production, selection and image's layouts are operated to revive the live emotion. The image construction of the cover pages present a circulation and rotation between the textual elements narratives, photographs and cartoons as components of a collective memory.

Keywords: O Globo. World Cup. Print Media. Soccer.

1. INTRODUÇÃO

O estudo de fontes primárias, mais especificamente jornais, retrata a importância do fato ao considerar a sua construção no tempo e na história (GINZBURG, 2002). A partir desse foco, o texto apresenta uma investigação que se processou em diferentes planos, principalmente relacionados à produção, transformação material e tecnológica do periódico que compôs o *corpus* da pesquisa. A perspectiva foi reconstruir de forma gradual os fatos documentados e analisá-los aos olhos de hoje, procurando não incidir nas armadilhas anacrônicas.

Observou-se que a reconstrução do tempo vivido no tempo da narrativa, mesmo ilustrada por fotos ou imagens, pode não apresentar a veracidade dos fatos, todavia admitiu-se o sentido verossímil conferido às notícias na dimensão de um mundo cifrado e de traços interpretativos. O objetivo da investigação foi analisar a construção imagética das primeiras páginas do jornal *O Globo*, na edição seguinte após as conquistas das Copas do Mundo de Futebol pela seleção brasileira masculina. Desse modo, foram procuradas, nas fontes primárias, evidências que

fossem suficientes para respondê-la, estabelecendo estudos comparativos entre as primeiras páginas dos anos de 1958, 1964, 1970, 1994 e 2002¹.

Durkheim (1999) defende que na sociologia, comparando com a biologia, um determinado órgão é autônomo na sua função, podendo servir a fins distintos, apesar de permanecer o mesmo. “Portanto, as causas que fazem existir são independentes dos fins aos quais ele serve” (p. 94), neste caso as Copas conquistadas. Pode-se inferir que existia uma aparente autonomia do desporto futebol, logo a causa é o esporte, e os fins serão analisados no decorrer das Copas.

Para analisar a construção imagética e a mensagem fotográfica, foi tomado como base o referencial de Barthes (1990, p.11), que destaca:

A fotografia jornalística é uma mensagem e, como tal é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é a redação do jornal, seu grupo de técnicos, dos quais alguns fazem a foto, outros a selecionam, a compõem e retocam e outros, enfim a intitulam, a legendam, a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes cujo centro é a fotografia; os complementos que a circundam são o texto, o título, a legenda, a diagramação [...].

No ensaio, ao analisar a fotografia e os textos que a circundam nas primeiras páginas selecionadas para a investigação, foram julgados alguns questionamentos pertinentes: Como a estrutura da primeira página do jornal O Globo pode consolidar fatos históricos na memória esportiva tendo como centro a fotografia? Quais mensagens e imagens são visíveis e supostamente invisíveis ao público que lê o jornal?

Em estudo sobre a memória a partir dos “esquecimentos” e interrupções na construção da identidade nacional por meio do futebol, Soares, Helal e Santoro (2004, p. 63) afirmam que “os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e ‘construção’ da memória [...]. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxito e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição”. As reflexões acerca da

¹ Respectivamente à ordem cronológica citada no texto: O Globo, 30 de jun./1958, Edição Esportiva; O Globo, 18 de jun./1962, Edição Final; O Globo, 22 de jun./1970, Edição da Vitória; O Globo, 18 de jul./1994; O Globo, 30 de jun./2002, Edição Histórica.

memória esportiva pelo jornal sedimentam a sua importância como um meio de comunicação de identidades transitórias e definitivas, nem sempre percebidas, muitas vezes subjetivas.

O Globo² exibiu sua primeira página, em 29 de julho de 1925, estampada de fotos e notícias que oscilavam entre importantes, pitorescas e curiosas. Se tomarmos como parâmetro a editoração, a diagramação e a formatação atuais do jornal, os exemplares dessa época pareciam feios, ambíguos, amadores e pouco atraentes. Entretanto as formas e os meios de coletar e apresentar notícias transformaram-se radicalmente, desde o texto e fotos impressas ao ambiente virtual e *on-line*.

A seletividade pelo jornal O Globo se fez pela pertinente influência na emissão ligada à periodicidade – em 2012, completou 87 anos de fundação e circulação diária –; à capacidade de abranger o cenário esportivo – na década de 1930, o jornal já possuía uma seção esportiva, que circulava aos sábados, chamada de O Globo *Sportivo* –; à disponibilidade do material analisado; e à relevância no contexto nacional. A imprensa escrita apresenta-se como um cimento social, político, esportivo e permanece importante numa época em que disputa com outras mídias o prestígio da opinião e a preferência da informação. A imprensa registrou e ainda registra o cotidiano do esporte.

De acordo com Lovisolo (2001, p. 77) “os significados por certo que heterogêneos, do esporte moderno, estão embebidos das elaborações dos jornalistas esportivos e dos literatos que o tomaram por objeto”. O esporte como relevante fenômeno social e cultural alcança a maioria da sociedade, independente de classe social. Em geral, mantém seu sentido de fenômeno de comunicação espontânea entre os praticantes e o público (ELIAS; DUNNING, 1995).

Conforme o pensamento de Sodré (1999) sobre a imprensa e os meios de comunicação no Brasil, um amplo quadro de mudanças foi implantado pela mídia impressa. Na fase artesanal, pode-se destacar que a mídia impressa vivia da opinião dos leitores e procurava servi-lo. No tocante à fase industrial, os jornais e as revistas

² “A escolha para o título do novo jornal da noite – dirigido por Irineu Marinho”. *Vida Policial*, 20 de jun./1925. O nome do jornal foi escolhido por meio de um concurso lançado pelo fundador, na época Irineu Marinho. “Correio da Noite” e “O Globo” foram os títulos mais votados, respectivamente. Porém, como o título vencedor tinha dono, o fundador optou por O Globo. A princípio era um vespertino para ser lido por aqueles que chegavam do trabalho no final da tarde.

apresentaram um acelerado processo de modernização de máquinas e aparelhos, que resultou para Serres (2011) no surgimento de um segmento sociopolítico constituído de quatro poderes: “o Legislativo, o Executivo, o Judiciário e o da mídia” (p. 41). Esse desenvolvimento acelerado realça hoje os valores de grandes empresas, as fusões, a tecnologia, a renúncia à opinião dos leitores/público e passa a servir à publicidade e seus anunciantes. Em reportagem³ sobre o debate do papel do jornal, Sérgio Dávila afirma “o rádio fez os jornais tirarem edições vespertinas, a televisão fez os jornais colocarem mais fotos na primeira página [...] a popularização da internet obriga os jornais a uma atualização constante”. Na época presente, a maioria dos jornais de grande circulação já dispõe aos leitores o formato digital com hiperconectividade, como o caso do *iPad* e *Tablets*.

No instante inicial da proposta de elaboração deste ensaio, foi apresentado ao grupo o *corpus* – primeira página do periódico O Globo nos anos de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, após a final da Copa do Mundo de Futebol–, que seriam as fontes primárias da investigação. Decidiu-se pela digitalização dos documentos, para que todos tivessem acesso irrestrito à consulta e ao exercício das análises. Entendeu-se que o pluralismo metodológico surgiu com a necessidade de se estabelecer uma interpretação adequada dos acontecimentos sociais, oferecendo informações para a releitura do esporte como fenômeno social, cultural e político relevante.

A elaboração do Inventário Denotativo (ID) para levantamento, acompanhamento, aplicabilidade, refinamento e posterior exame dos dados permitiu aos pesquisadores avançar mediante testagem e ambientação do instrumento. Com a necessidade de calibrar o instrumento, o exercício coletivo dos investigadores na confecção de todos os IDs contribuiu posteriormente na sistematização da análise dos diversos olhares, a fim de proporcionar intencionalmente leituras cruzadas, aumentando a luz sobre o material, procurando refletir sobre os signos e sinais de maior dimensão histórica, próprios da micro-história, atentando para não sucumbir ao simplismo técnico (FAUSTO, 2009).

Para compor a interpretação, a análise e a discussão, utilizou-se o conjunto de informações descritivas no ID por meio de componentes e técnicas de análise

³ O *Globo*, 25 de jul./2012, 3ª edição, Rio, p. 18.

semiótica e de conteúdo (PENN, 2003). Assim, foram destacadas três categorias de análise ao longo do trabalho: (a) características gerais e relevantes da primeira página; (b) disposição, qualidade, enquadramento e perspectiva da imagem; (c) relevância da foto para descrever a realidade. Posteriormente, montaram-se os textos-chave para discussão específica de cada primeira página, e cultivou-se o cruzamento metodológico, que seriam dois caminhos de discussões possíveis na limitação das fontes.

Na sequência do texto, são apresentadas a análise e a discussão sobre a composição das imagens e pequenas narrativas que aparecem nas primeiras páginas do jornal O Globo como estruturas isoladas e, posteriormente, compreendendo-se como elas se completam; e, por último, as conclusões.

2. 1 AS PRIMEIRAS IM(PRESSÕES) DA COPA DE 1958

Na descrição geral da primeira página (Figura 1), observa-se a exaltação, com letras graúdas, pela vitória na Copa do Mundo de 1958, com fotos de variados tamanhos, formatos e cobertura de diversas agências de notícias internacionais. As imagens, chamadas de radiofotos, apareciam em maior número em relação às informações escritas, entretanto possuíam legenda e crédito, mas com ênfase nas situações de jogo.

A reportagem foi formatada com manchetes como: “Brasil, Campeão do Mundo – O grande feito – 1º Título para o Brasil – Título pioneiro para Sul-Americanos”. Junto aos instantâneos em destaque no centro da página, o texto ilustra o gol decisivo de Zagalo contra a Suécia, relata o fato de a população que acompanhava pelo rádio fazer festa maior que um carnaval nas ruas do Rio e de São Paulo. Além disso, convoca os torcedores para a recepção dos jogadores na chegada ao Brasil. Comparava o que aconteceu na final de 1950, no Maracanã, contra o Uruguai, onde o Brasil foi “traído” por um gol desconcertante, pelo excesso de otimismo de dirigentes e jogadores⁴. Porém, desta vez, a representação brasileira conseguiu manter o sangue frio e a calma necessária para a conquista. O editorial

⁴ O que o jornalista Nelson Rodrigues chamou de “complexo de vira-latas”, um problema de fé em si mesmo. Apesar da superioridade e vantagem em campo, os jogadores brasileiros se colocavam, segundo ele, voluntariamente como inferiores.

tece elogios aos jogadores, ao técnico Feola e ao presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD)⁵, João Havelange.



Figura 1 - O Globo, 30 de jun./1958, Edição Esportiva.

O enredo das fotos esquematiza um jogo bem disputado, com lances dramáticos, onde o Brasil triunfa no final. Em relação à perspectiva, em todos os casos enredados é possível vislumbrar grande parte da arquibancada lotada pela torcida. O projeto gráfico do jornal é todo em preto e branco (P&B); as fotografias foram impressas utilizando aerógrafos (*airbrusching*), alterando a luz; foram

⁵ Na década anterior, com a assinatura do Decreto-lei n°. 3.199/1941, Vargas criou a primeira lei do esporte brasileiro, sob a tutela do Conselho Nacional de Desportos. A intervenção do governo no esporte era vista como o término da desorganização e dos conflitos oriundos desde o início da década de 1930, envolvendo várias modalidades esportivas com a CBD, principalmente o futebol. A organização, a disciplina e o vigor dos novos tempos eram medidos para moralizar o desporto nacional, necessidade talhada no espírito do Estado Novo. Tratava-se do poderoso discurso estadonovista, cunhado na identidade nacional e no ideal modernizador. A referida entidade manteve o *status* de representante de toda a organização do esporte no Brasil até a sua extinção, em 1979.

maquiadas com retoques, deixando-as parecidas com pinturas. Nota-se que se trata de uma edição especial, pois retrata somente assuntos ligados à conquista da Copa de 1958, não há menção a outras notícias do cotidiano.

As fotos parecem dar movimento ao jornal, uma vez que a maioria das imagens remete às situações de jogo. Elas mostram diferentes momentos da peleja, com lances disputados, gol e comemoração. Dentre as jogadas, uma de ataque e duas de defesa, sendo que a legenda indica que, apesar do placar (4x1), houve lances dramáticos, quando o jogo ainda estava empatado (1x1). Apesar da vitória final de 5x2, a reportagem sugere uma partida bem disputada. A vitória inédita para os brasileiros e para os sul-americanos quebrava uma hegemonia europeia. A foto da parte central da página, onde aparece a volta olímpica, representa o triunfo, o início de uma tradição, mas destacava também respeito e a homenagem pelo adversário ao carregar a bandeira da Suécia. Levavam a bandeira: Gilmar, Zagalo, Garrincha, Milton, Zito e Orlando. O simbolismo foi reforçado, quando se decidiu contornar a foto com uma moldura, retratando a união do time em representar o Brasil como uma nação na culminância histórica da conquista da Copa do Mundo pela primeira vez; portanto não há predominância de um personagem individual, mas do coletivo.

No texto de Bartholo, Soares e Salvador (2010), que aborda uma análise das narrativas jornalísticas voltadas para o “estilo nacional” do futebol, os autores utilizam como fontes as edições do Jornal do Brasil sobre as Copas de 1958 e 1962 para comparar com a Copa de 2002. Nas análises dos autores e nas mensagens linguísticas (narrativas) da Copa de 1958, destaca-se a “ideia de pátria, patriotismo e nação, representados na vitória, com o discurso da disciplina, do esforço e da dedicação” (p.18). Também explicitam a importância do jornal em autointitular-se como “guardião da memória”, devido à composição detalhada do seu corpo de colaboradores e profissionais que o legitimam enquanto fonte emissora.

Perceberam-se dois momentos registrados nas estruturas, um da vitória e da comemoração, e outro conferindo à conquista do título certo grau de dramaticidade, principalmente pelas dificuldades que a equipe passou durante a partida, valorizando ainda mais o “grande feito” relatado pelo editorial do jornal. Verificou-se, por meio da descrição estrutural, que se trata da vinculação imagem/texto. Nesse

caso, Barthes (1990, p. 31) afirma que “a imagem literal é denotada, e a imagem simbólica é conotada”. Considera-se que a imagem é polissêmica e explora os significados, resultando na duplicação de certas informações da narrativa que, por repetição, reforço e redundância, valoriza a construção ou reconstrução do acontecimento.

2.2. A EUFORIA DA COPA DE 1962

Ao examinar a capa que noticia a vitória consecutiva em Copas no ano de 1962, depara-se com bastantes fotos, destaque com letras em caixa alta, exaltando a alegria de todo país com o bicampeonato de futebol. Assim como na primeira página do O Globo de 1958, o jornal publicou cinco fotos com legenda e crédito, registradas pela própria equipe enviada à Copa do Mundo⁶.

A edição final (Figura 2) conta com outras notícias além do futebol, informa sobre política nacional e internacional. Menciona um atentado no território francês da Argélia, realizado pela guerrilha pró-independência. Na época, o governo de João Goulart, em meio à crise, sofria pressão da imprensa e dos partidos políticos para indicar o substituto de Tancredo Neves para a função de “primeiro ministro”. O texto aborda, entre outros fatos, a legitimidade de a Câmara negar a indicação de um nome por parte de João Goulart para o cargo.

Chama atenção uma fotografia aberta do capitão brasileiro Mauro, levantando a taça Jules Rimet. A alegria e a tristeza são dois elementos bastante explorados nas imagens, no jogo das palavras as manchetes associam e harmonizam a composição da primeira página: “Delira todo País com o Bicampeonato – O “Goal” de Zito – Assim chorou Zagalo – Expediente da Guanabara encerra-se às 15 horas”. O governador Carlos Lacerda determinou que as repartições estaduais encerrassem o expediente para que o funcionalismo participasse das homenagens que seriam prestadas aos campeões do mundo.

⁶ Diferentemente da Copa de 1958, na Suécia, O Globo enviou uma equipe de fotógrafos e cronistas, possivelmente pela proximidade do Chile e a diminuição dos custos de deslocamento e hospedagem. Notamos também um refinamento na cobertura de 1962 em relação a 1958.



Figura 2 - O Globo, 18 de jun./1962, Edição Final.

O projeto gráfico do jornal permanece em P&B, o enquadramento das imagens retrata uma sequência tipo fotograma⁷: (1) cruzamento, cabeceio, gol e comemoração; (2) a emoção do jogador Zagalo; (3) o capitão no alto do pódio, levantando a taça. A clareza das fotos nos revela uma perspectiva fidedigna do local e do fato acontecido, é possível distinguir expressões, mas não há fotos fechadas em *close-up*. Todo o enredo sugere um jogo em que o Brasil mostrou superioridade técnica, momentos vibrantes e a réplica do feito em conquistar a Copa do Mundo, passando a noção de uma trajetória que foi iniciada na Suécia e permaneceu no Chile (1958-1962).

A edição mais uma vez suprimiu a figura do ídolo, com a ausência de Pelé por contusão – substituído com destaque por Amarildo, o “Possesso”⁸ –, e dos dribles geniais, oblíquos e acrobáticos de Garrincha, que revelavam um *show* em campo.

⁷ Como um quadro cinematográfico.

⁸ Como Nelson Rodrigues se referiu ao jogador Amarildo na crônica “Bicampeões do Mundo”. O Globo, 18 de jun./1962.

Mané Garrincha foi consagrado por toda a imprensa e torcedores na esfera nacional e internacional. Entretanto a capacidade de organização da seleção e o potencial do coletivo ficaram acima do talento individual. As imagens dos jogadores Mauro e Zagalo reproduziam os jogadores, a equipe, os torcedores, o Brasil, numa mistura de delírio e emoção.

Afirmava-se um sentido de pertencimento, o êxito do futebol brasileiro ratificava e valorizava a sucessão de duas conquistas em mais um capítulo da história, trazendo o imaginário esportivo da glória e da identidade nacional à arena pública, materializando a memória oficial. A ostentação da vitória é percebida a partir da foto maior, em destaque no topo da página, no momento do capitão Mauro erguer a taça. A presença militar no primeiro plano dessa imagem é destaque para a compreensão do contexto político da época; pois, nos anos sessenta, aconteceu uma onda de golpes militares e ditaduras na América Latina⁹.

Perante o fervilhamento urbano e cultural inspirados pela Bossa Nova, o Cinema Novo e o título da Copa do Mundo na década anterior, a coesão da dupla vitória inédita, salientada pelo jornal, apresenta uma continuidade de glória para o futebol brasileiro. Porém vale lembrar que a inspiração mudaria de tom a partir da evidente crise no governo Jango e com o Golpe Militar.

2.3 O TRICAMPEONATO NA COPA DE 1970: PRA FRENTE BRASIL SALVE A “PROMOÇÃO”

O período político brasileiro que antecede a Copa do Mundo de 1970 é envolto numa atmosfera de névoa, embaçado por atos constitucionais para perpetuar o Golpe Militar de 1964, frente ao início incipiente do que o governo federal denominou de “fatos perturbadores da ordem pública (Ato Constitucional nº 5)”.

Dentre esses fatos, é pertinente apontar o Ato Constitucional nº 5, que decretou o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores – por ato complementar –; confiscos de bens; suspensão de “*habeas corpus*” para crimes políticos contra a segurança nacional, a ordem

⁹ Paraguai (desde 1954), Argentina (1966), Brasil (1964), Peru (1968).

econômica e social e a economia popular; restabelecimento das cassações e liquidação da vitaliciedade.

A capa da edição de 22 de junho de 1970 do O Globo traz três fotografias em P&B, e é denominada pelo jornal como “Edição da Vitória”, logo acima da logomarca uma inovação: a bandeira brasileira colorida. Além desta imagem colorida, no canto superior direito, do outro lado, observa-se a taça Jules Rimet em dourado. Com as imagens em cores o jornal inova, quando comparado com as tiragens anteriores dos títulos de 1958 e 1962¹⁰.

Na foto central e maior, percebe-se o ambiente circunspecto do primeiro gol do Brasil contra a Itália, assinalado por Pelé, com o título: “O primeiro: o salto de Pelé.” A imagem retrata o lance do cabeceio com a bola em trajetória descendente para assinalar o primeiro tento. É possível visualizar, na foto, a bola antes de cruzar a linha do gol italiano e, ainda, o zagueiro e Pelé olhando fixamente a conclusão do lance em suspensão no ar. Abaixo desta foto, aparece a legenda: “Tostão cobrou um ‘out side’, Rivelino lançou sobre a área e Pelé saltou para fulminar o arco de Albertosi com possante cabeçada (UPI)¹¹”.

A página do jornal (Figura 3) apresenta no alto a palavra “TRI” com letras garrafais e abaixo, em letras menores, “CARNAVAL EM JUNHO”, ladeada, à esquerda, pela taça Jules Rimet e, à direita, pela bandeira nacional, sedimentando e insuflando o sentimento patriótico. Neste caso, podemos fazer uma referência à festa profana do carnaval, em pleno mês de junho, para mascarar as barbaridades da ditadura militar, e que, dentro do pensamento de Durkheim (1999), ao mesmo tempo enaltece o futebol e reprime as manifestações norteadas de ânsia democrática, numa clara alusão à política de pão e circo da Roma Antiga.

É pertinente pontuar o significado de profano de Caillois (1988), onde trata o sagrado e o profano como dependentes, pois um não coexiste sem o outro; como o preto e o branco, o céu e a terra, a água e o fogo. O autor ainda considera a origem do futebol como sagrada ao afirmar “os jogos de bola do Maoris, donde provém o futebol e em que a bola disputada representa o Sol” (p. 154). Naquele período em

¹⁰ O jornal inicia, na Copa de 1970, uma peleja com a televisão, pois foi a primeira vez que jogos foram transmitidos ao vivo.

¹¹ Agência de notícias United Press International.

que o sol do futebol brasileiro estava no auge, com a conquista do “TRI”, muitos sequer podiam visualizar este mesmo sol.



Figura 3 - O Globo, 22 de jun./1970, Edição da Vitória.

Nesta foto central analisada, pode-se sugerir como profano a palavra “Uruguay”, presente discretamente em placa de propaganda na beira do gramado, em segundo plano, entre o arqueiro, o zagueiro e Pelé, com a arquibancada lotada atrás. Momento simbólico, onde o futebol brasileiro virou, definitivamente, a página que constava como registro do nosso “complexo de vira-latas”, sagrando-se/sagrado o futebol tricampeão mundial.

A similitude com o artifício utilizado em 1962, pelo então Governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda e a analogia política do pão e circo continua em nota acima da segunda foto¹², na lateral direita do jornal, onde o capitão Carlos

¹² Resta a dúvida sobre o que se tornou invisível após o recorte feito dos dois lados do capitão Carlos Alberto, na edição da foto.

Alberto, de corpo inteiro, ergue a taça conquistada com o título “Facultativo hoje e amanhã”. Esta nota traz a ordem do Presidente Médici, ao então Chefe do Gabinete Civil Professor Leitão de Abreu, para despachar portaria decretando ponto facultativo por dois dias nas repartições públicas federais e autarquias.

Como na edição da conquista de 1962, o jornal traz o capitão do escrete erguendo a taça em uma simbólica tentativa de o governo militar lançar ao mundo a imagem de um país em pleno processo de crescimento e progresso. Em oposição ao que Barthes (1990) afirma, será que existia autonomia do jornal, haja vista as notas do governo em uma capa da edição do tricampeonato mundial? Certamente o autor de origem francesa arrazoou o jornal como uma instituição livre, com base na Constituição e no lema da revolução francesa: *“Liberté, égalité e fraternité”*.

Médici alega na nota que: “os brasileiros merecem um carnaval extra e a nossa seleção a homenagem de todos”. Uma manobra para, temporariamente, tentar camuflar a censura e diluir o sentimento de inquietude e desagrado, por parte da população politizada; que, além de ver seus direitos eleitorais cassados, ainda teve que conviver com a emenda de 17 de outubro de 1969 incorporada na Constituição 1967, com a instituição da pena de morte, o banimento do país, o fim da imunidade parlamentar e a censura para os discursos considerados subversivos de políticos no Congresso.

Que nos permita, em parte, discordar do magnífico João Saldanha, quando afirma que “o circo romano não sustentou o Império Romano¹³” (SALDANHA, 1985, p.13), bem como Mussolini tendo a favor duas Copas do Mundo, a tentativa de Hitler de se comunicar através dos Jogos Olímpicos e João Goulart que ganhou duas Copas seguidas, mas não obtiveram êxito em “tapar os buracos administrativos (op. cit. p. 13)” com estes eventos. Todavia, que ajudou parcialmente a política populista ou ocultar mazelas, é inegável.

Ao lado da foto do capitão, há um texto com o título: “Tiraram as meias de Tostão.” A narrativa relata o final da peleja e toda confusão no gramado após o apito do árbitro. O editor descreve como Tostão foi assediado e as peças do uniforme do atleta que a multidão formada por torcedores retirou: camisa, chuteiras e meias. Este

¹³ Entrevista concedida a Sônia Salomão Khédde e Gilda Korff Diegues em 03 de julho de 1984 na redação do Jornal do Brasil.

texto apresenta o lado satírico do jornal, tratando o episódio como um “verdadeiro *strip-tease*”.

A terceira foto em P&B, com uma proporção menor do que as anteriores, traz no título “O ‘goal’ do alívio”. No crédito abaixo da foto, lemos “O terceiro ‘goal’, assinalado por Jairzinho, trouxe o alívio e a esperança que a equipe esperava. Foi aos 72 minutos, num lance armado por Piazza e Pelé (UPI)”. Antagônica a foto central do primeiro gol que transmite a expectativa do zagueiro italiano e de Pelé na conclusão do lance, esta foto revela a euforia de Jairzinho e o desespero do zagueiro italiano com o tento assinalado.

A capa de 22 de julho de 1970 tem na parte inferior uma nota com o título: “Médici acertou o placar”. O texto afirma o interesse do Presidente pelo futebol, ao acompanhar pela televisão a conquista do Tri. Entretanto o mais significativo no texto é a afirmação que Médici provou entender mesmo de futebol, pelo fato de ter previsto o placar de 4 x 1 na final contra a Itália. Como se o simples episódio da *alea* em acertar o placar de um jogo pudesse conferir a alguém, que não tem envolvimento profissional nenhum com o desporto, seu entendimento, domínio e apropriação sobre o assunto (CAILLOIS, 1990).

Nesta mesma nota, o Presidente afirma que, “como homem comum, sente-se profundamente feliz”. Observa-se uma contradição nas duas mensagens do emissor, onde afirma que Médici “provou ser mesmo um entendedor do futebol” e o Presidente se autointitula um homem comum. Poderia um homem comum apresentar esta dualidade? Fala-se de uma época em que somente profissionais do futebol com vasta experiência assumiam o comando do escrete. Todavia, para o legítimo comandante de um governo militar ditatorial, tudo é possível, ou melhor dizendo, “pra frente Brasil salve a promoção¹⁴”.

Chegou-se até o tricampeonato, corroborando com a linha de pesquisa de Phillips (2001), citando Munslow, ao afirmar que os “historiadores inevitavelmente se debruçam sobre o passado, inventando narrativas como para tentarem explicar o que o passado ‘realmente quis dizer’, o que a fonte do texto ‘realmente diz’, quais foram realmente as intenções dos autores” (p. 334). Assim, destacou-se a discreta

¹⁴ Dentre o cancionário das Copas, a marchinha de 1970 acabou virando hino e continha em sua letra o refrão desenvolvimentista: “Noventa milhões em ação/ pra frente Brasil/do meu coração.../todos juntos, vamos/ pra frente Brasil/salve a seleção!/De repente/é aquela corrente pra frente/parece que todo Brasil deu a mão/ todos ligados na mesma emoção/ tudo é um só coração [...]”.

“intervenção” do Governo Médici, por meio da entrevista na reportagem que traz a “Edição da Vitória” do tricampeonato mundial.

Propõe-se “bater uma bola e tabelar” com Durkheim (1999), para afirmar que as causas que fizeram existir o futebol tricampeão/sagrado são independentes dos fins/profanos que foram utilizados com a conquista do título. Neste caso, existia uma aparente autonomia do desporto futebol – mesmo com a saída de João Saldanha do escrete brasileiro por ordem de Médici, que tentou intervir nas decisões –, portanto a causa é o desporto futebol, e os fins são as manipulações nas confederações desportivas. Estas tinham em seus comandos pessoas ligadas ao governo militar com o intuito de utilizar o esporte nacional como ferramenta de engendramento e *marketing* institucional/profano, com objetivo de tirar proveito do esporte em prol de uma política populista ditatorial.

Reporta-se novamente a Durkheim (1999, p. 97), ao expressar que: “Portanto, quando se procura um fenômeno social, é preciso pesquisar separadamente a causa eficiente que produz e a função que ele cumpre¹⁵”. Ou seja, o fenômeno social futebol na Copa de 1970 foi eficiente, na medida em que divertiu e desviou a atenção da população dos interesses escusos empregados nos porões da ditadura militar/profano, e eficiente em retirar da história do futebol brasileiro o complexo de vira-latas/sagrado.

No decorrer dos anos seguintes, o governo militar e seus herdeiros, percebendo o filão positivo que poderiam obter com o futebol, implantaram, através da CBD, o maior campeonato do mundo, a Taça Brasil, além de obter mais uma forma de lucro com a implantação da Loteria Esportiva (GOLÇALVES, 1985). Atualmente a competição é disputada com variações, sob a organização e *ranking* da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mas com o nome de Copa do Brasil.

Vai-se ao encontro de Phillips (2001) para corroborar as hipóteses, independente de bases fundamentadas nas estruturas sociais e em interesses econômicos, mas norteadas em “imagens, símbolos, rituais, cerimônias e, mais importante, sobre a linguagem” (p. 330) do autor, em que sugere novas formas de refletir as explorações do passado. Uma história que deve ser sempre retratada com

²⁰ Grifo do autor da obra.

o intuito de não se recair no erro, então que venha o tetra e o penta para seguir-se nas análises.

2.4 A INCRÉDULA COPA DE 1994

Vinte e quatro anos após a conquista do “Tri” (1970), a observação da primeira página do jornal O Globo, do dia 18 de julho de 1994 (Figura 4), evidencia a evolução dos recursos gráficos utilizados na editoração e impressão do periódico diário. A capa apresenta um novo *layout*, que inclui aspectos gerais de formatação, logotipo, elementos gráficos coloridos, caricatura e a utilização de três fotografias coloridas. Percebe-se um grande destaque às cores da bandeira nacional nas letras e pano de fundo dos títulos das matérias (verde, amarelo, azul e branco). A palavra “TETRA”, centralizada e em letras garrafais, dá destaque ao assunto principal da edição, complementado por uma faixa, no cabeçalho da página, com a chamada: “Pôster colorido dos heróis do tetra”.

As três fotografias coloridas que ilustram a primeira página mostram momentos distintos do último jogo da seleção brasileira na conquista de 1994: (1) a foto maior é da agência de notícias Reuters e “congela” a defesa de um dos pênaltis – cobrado por Massaro – da disputa final contra a Itália, pelo goleiro Taffarel; (2) na segunda foto, menor, vê-se Baggio de cabeça baixa, em segundo plano, após perder o último pênalti do jogo em oposição ao goleiro Taffarel, em primeiro plano, ajoelhado com os punhos erguidos e mãos cerradas, agradecendo de forma vibrante em direção ao céu; (3) a terceira foto mostra a premiação dos jogadores, com destaque ao capitão Dunga, que aparece em primeiro plano, erguendo a taça, com Romário ao fundo, emocionado, com a bandeira do Brasil sobre os ombros numa analogia à capa dos super-heróis. A presença de autoridades civis, como Al Gore, então vice-presidente dos Estados Unidos, representa a comitiva do país anfitrião.

O pequeno texto de três parágrafos, localizado à direita das fotos, exalta a conquista da seleção brasileira, única a ter o título de tetracampeã, destacando-a como a “seleção brasileira mais unida de todos os tempos”. O texto ainda ressalta a homenagem feita pelos jogadores ao piloto brasileiro de Fórmula 1 e ídolo nacional, Ayrton Senna, morto em acidente durante uma competição na Itália, apenas dois

meses antes da conquista do futebol. Zagalo é lembrado como o único a ter participado das campanhas que resultaram nos quatro títulos mundiais.



Figura 4 - O Globo, 18 de jul./1994, 2ª Edição.

Na extremidade inferior esquerda da página, uma charge¹⁶ colorida com a caricatura do técnico Parreira – com traços do cientista Albert Einstein – vestido com o uniforme da seleção e representando a célebre fotografia em que o cientista alemão aparece com a língua para fora, deixa subentendida a irreverência da imagem, insinuando uma expressão de desforra pelo técnico campeão, como se estivesse debochando dos críticos que não acreditavam no título. As quatro manchetes com chamadas para matérias internas, posicionadas entre a charge e a fotografia da premiação, abordam o tema da capa: (a) “Bom em pênaltis, Taffarel quebra tabu na decisão”; (b) “Na festa, uma homenagem a Ayrton Senna”; (c)

¹⁶ AROEIRA, 1994.

Romário eleito melhor jogador da Copa dos EUA; e (d) Carnaval em julho anima o Rio e o país.

O simbolismo que cada fotografia transmite ao público leitor do jornal e consumidor de informações sobre o futebol e a Copa do Mundo desafia os pesquisadores a uma análise mais detalhada, tentando entender as mensagens explícitas – e implícitas – que cada imagem pode transmitir (BAUER, 2003).

Na primeira fotografia¹⁷, localizada na parte superior da primeira página, logo abaixo da logomarca do jornal, a edição do enquadramento privilegia o ato e a plasticidade do jogador Taffarel ao defender o gol. A disposição simétrica da rede ao fundo dá uma sensação de segurança à ação retratada. O foco da luz ambiente está situado à esquerda/superior do jogador, fazendo sombra em algumas partes do seu corpo enquanto outras ficam expostas. A perspectiva frontal capta os detalhes da expressão facial do goleiro.

A segunda fotografia¹⁸, localizada na lateral esquerda da página, logo abaixo da manchete “TETRA”, é a fotografia de menor tamanho. O enquadramento privilegia o contraste de emoções e um mosaico de cores, onde o azul do uniforme italiano não se configura como um elemento da composição do cenário, mas sugere uma analogia ao agradecimento de Taffarel com os punhos voltados para o firmamento. A luz, em diagonal superior/esquerdo do jogador, compõe uma importante mensagem; pois, ao iluminar o rosto de Taffarel – vitorioso –, deixa o rosto do jogador italiano Baggio na sombra, onde pode ser interpretado como deus/sagrado para o brasileiro e profano para o italiano, demonstrando a derrota. Caillois (1988) afirma que o sagrado não pode existir sem o profano, assim como o preto/sombra e o branco/luz. A perspectiva da fotografia exalta a grandeza do goleiro Taffarel, que aparece no primeiro plano como um “gigante”, frente o abatimento de Baggio, no segundo plano.

A terceira fotografia¹⁹, localizada na parte central, logo abaixo da manchete “TETRA”, se estende até a parte inferior da primeira página. O enquadramento está centrado na ação do radiante capitão Dunga ao erguer a taça do tetracampeonato, ao lado de Romário, visivelmente emocionado, e dos outros jogadores da seleção

¹⁷ “Taffarel defendendo o gol”, Agência Reuters.

¹⁸ “Taffarel ajoelhado, com braços erguidos e punhos cerrados”, não tem créditos, dessa forma, pode ter sido captada por um fotógrafo correspondente enviado pelo jornal.

¹⁹ “Dunga erguendo a taça”, de Ivo Gonzalez.

brasileira. Verificou-se uma estratégia de interlocução e familiaridade das fotos com o conteúdo do texto, o sarcasmo e a ironia da charge no sentido de superar a crítica feita sobre a persistência de Parreira na “era Dunga” – considerada representante do futebol pragmático e defensivo, distante do futebol arte e ofensivo de outrora –, a “era Dunga” foi bastante criticada durante o laboratório de jogadores nos amistosos da seleção e na disputa das eliminatórias, no entanto silenciou os críticos ao ganhar a Copa do Mundo.

O texto que dá aporte à fotografia central faz uma referência à seleção brasileira na decisão por pênaltis como um tributo para Ayrton Senna, para Zagalo e, a superação de um “trauma” depois de ter sido eliminada em 1986. Compara, ainda, a mesma seleção da Itália derrotada em 1970 com a que eliminou o Brasil em 1982. Enfim, uma vitória com muito sofrimento e fibra, calando os adversários dentro de campo e os críticos fora dele.

Novamente alguns personagens surgem como representantes legítimos da aplicada equipe, sobressaindo o coletivo: Dunga, Taffarel e Romário. Os três jogadores retratados e comentados na primeira página não constituíram uma unanimidade durante a trajetória de 1994. O capitão e o goleiro não tinham a confiança da maioria dos torcedores e da imprensa. Um leitor casual pode perceber tais evidências na legenda, onde cada um é protagonista da foto.

Na que se denominou primeira fotografia, com a imagem da defesa de Taffarel, a legenda apresenta: “Goleiro que não vinha merecendo a confiança do torcedor brasileiro [...]”. Todavia, o restante da redação da legenda ressalta: “[...] Taffarel pula com convicção para fazer uma defesa histórica, espalmando o pênalti cobrado pelo italiano Massaro”. A legenda da terceira fotografia aparece: “Depois de Mauro, Bellini e Carlos Alberto, o capitão do tetra ergue a taça e inscreve na história a era Dunga”. A ambos, e, principalmente, ao técnico foi atribuída a decepcionante campanha na “quase eliminação” para a Copa de 1994.

No caso de Romário, o caminho foi diferente. Preterido por Parreira, ele não era unanimidade da comissão técnica e de dirigentes da CBF, mas com a confiança da torcida, crédito da imprensa e pressão das duas, ele foi convocado novamente para o jogo “passaporte” decisivo para a Copa de 1994 contra o Uruguai, no Maracanã. O jogador marcou os dois gols no placar de 2x1 para o Brasil,

conquistando seu lugar na equipe, transformando-se no super-herói da classificação – salvador da pátria –, no último instante. Posteriormente, suas atuações foram tão convincentes e decisivas que acabou sendo eleito pelos treinadores e capitães das seleções da Copa de 1994 como o melhor jogador da competição. Justamente por ser questionador, crítico ferino e possuir outros ‘atributos’ que os treinadores desaprovavam, inicialmente suspeitava-se que Romário seria o elemento desagregador da seleção. Em contraposição, saiu em defesa do capitão e da equipe, tornando-se porta-voz e peça importante no time de Parreira.

Tais fatos sugerem que, ao tentar recuperar a crítica, o jornal – que antes fora emissor de críticas – traz o reforço ao próprio feito inédito, acrescentando contribuições à fama e à resistência de um grupo que acreditou no seu potencial e na insistência tática do técnico, com caricatos de gênio Einstein, provando a “teoria da Relatividade no futebol”.

Dessa maneira, verificou-se o que Lovisolo (1989) chama de âncora e plataforma sobre a escrita da memória. Como âncora, ampara com o peso conveniente a esperança, estabiliza diante das mudanças. Enquanto plataforma, funciona como uma rampa de lançamento para o futuro pregado no passado, numa tradição. No carnaval em julho, afirmava-se o espaço de encontro, onde se fugia das responsabilidades rotineiras do privado para o espaço público e festivo, ecoava um novo refrão: “rumo ao penta”.

2.5 A COPA DA FAMÍLIA SCOLARI

A página referente à conquista do Mundial de 2002 é denominada de “Edição Histórica” e identificada como parte do “Especial Copa de 2002”, tal como consta em uma ‘tarja’ vermelha, abaixo da logomarca do jornal “O GLOBO”. A publicação foi veiculada em um dia de domingo – dado o fuso horário das sedes Coreia do Sul e Japão –, diferentemente dos periódicos anteriores. Outra modificação importante em relação às edições anteriores de 1958, 1962, 1970 é que a página encontra-se toda colorida, com duas fotos e uma charge, porém similar a de 1994.

No alto da página, observa-se em letras garrafais, mas sem usar as cores da seleção nas letras, a chamada: “TODO MUNDO TENTA, MAS... SÓ O BRASIL É

PENTA”. A rima provocativa – o que é típico de torcidas de futebol – foi a mesma amplamente veiculada nas transmissões televisivas. Nota-se que a frase alimenta uma tradição de “superioridade” do futebol brasileiro em relação às demais seleções, embora muitas delas também tenham o título de campeãs do mundo.

Essa compreensão de “superioridade” que acaba incorporando o escopo do discurso da identidade nacional brasileira (LOVISOLO, 2001) pode ser mais bem compreendida se forem considerados não somente os aspectos históricos – o que nos levaria ao mero cômputo numérico de cinco títulos mundiais –, mas também às perspectivas socioantropológicas.

A análise do futebol como um “fato social total” realizada por DaMatta (1982, p. 26) contribui para compreender como o futebol integrou tão rapidamente a identidade nacional brasileira. O futebol é considerado um fato social; portanto, uma “instituição” capaz de juntar muitas esferas sociais.

O referido autor explica que o futebol é dotado de uma multidimensionalidade, ou seja, pode-se entendê-lo e vivenciá-lo simultaneamente, por meio de muitos planos, realidades e pontos de vista. Dessa forma, DaMatta (1982) argumenta que o futebol está em sintonia com o universo social brasileiro, que é eclético, ao mesmo tempo hierárquico e igualitário, com regras aplicáveis a todos. Mas o que leva o brasileiro a incorporar tão fortemente o sentido de superioridade relaciona-se com o fato de que em “poucas” circunstâncias o Brasil poderia igualar-se a grandes potências mundiais, como por exemplo: nos sentidos educacionais, políticos, da saúde e da tecnologia.

A experiência da vitória e do êxito é, portanto, mais uma dimensão que situa o futebol como força integrativa das expressões de coletividade do Brasil. Tendo em vista que o sistema social brasileiro é hierarquizado, desigual e concentrador de riquezas, há aqueles para os quais o futebol é uma rara oportunidade de experimentar, de dramatizar a vitória e o êxito. O signo de superioridade e hegemonia é ressaltado na mensagem do texto que remonta à memória das Copas anteriores de 1958, 1962, 1970, 1994, mas também no esquecimento da Copa de 1998, quando Ronaldo sofreu um ‘stress’ pré-jogo e atuou de forma apática e sonolenta na final contra a França.

No texto das narrativas de 2002, que está disposto entre duas fotografias, a vitória daquela Copa é atribuída à figura do jogador “Ronaldo fenômeno”, não apenas como o diferencial do jogo, mas de toda a competição. Contribui para isso o fato de o referido atleta ter sido artilheiro daquela edição da Copa, igualando-se a Pelé em número de gols marcados. Soma-se a isso o fato de Ronaldo ter sido considerado decisivo em todas as partidas. O emolduramento de Ronaldo como um símbolo da vitória também está circunstanciado aos problemas de lesão vivenciados pelo atleta pouco antes da Copa, que o fizeram desacreditado por muitos críticos do futebol e da mídia.

Na reportagem de capa, destaca-se secundariamente a participação do meio campo Kleberson na final, numa partida tida como tensa. Ressalta-se a superioridade da equipe brasileira em campo, rememorando-se as conquistas anteriores – os anos de obtenção dos títulos –, salientando a chegada da equipe ao Brasil, no dia seguinte à conquista.

As fotos são identificadas como sendo de agências de notícias²⁰ (Reuters e AFP), e reflete a decisão da editoração pelos dois momentos considerados importantes para “narrar” o acontecimento. A foto do primeiro gol tem um enquadramento que favorece a interpretação do lance, com o esforço do goleiro alemão para tentar a defesa após o chute de Ronaldo. A imagem está localizada à esquerda, na parte superior da página, abaixo da chamada.

Na foto que retrata o “auge” da comemoração do título, aparece o capitão da equipe brasileira, com enquadramento a partir da cintura do jogador e o fundo desfocado. Cafu aparece com os braços estendidos para cima, segurando a taça, a ênfase está na alegria da conquista, a luminosidade da foto dá destaque ao atleta. A recorrência do registro do momento de erguer a taça perpetua a ideia de aproximação com o “olimpico”. No uniforme de Cafu – o mesmo utilizado pelo atleta durante a partida –, havia a frase “100% Jardim Irene” em alusão ao lugar onde o atleta passou a infância e adolescência. Reforça-se que, numa conquista internacional, o atleta possui um enraizamento local e busca, simbolicamente,

²⁰ Consideradas as agências de notícias mais prestigiadas do mundo, a Reuters foi fundada na Inglaterra em 1851; e a Agence France-Presse, oriunda da separação da Havas em Escritório Francês de Informação (OFI) no ano de 1940, somente em 1944 a OFI passou a se chamar AFP.

homenagear e enfatizar o local com o qual possui uma relação identitária. A foto está localizada ao lado direito da imagem do primeiro gol, e é maior do que a primeira, estende-se da parte superior da página (abaixo da chamada) até a parte inferior da página, com uma charge abaixo.



Figura 5 - O Globo, 30 de jun./2002, Edição Histórica.

A charge de Chico Caruso reforça a importância de Ronaldo para a conquista e está, portanto, totalmente coesa com a informação textual. Na ilustração, a imagem caricaturada do atleta Ronaldo correndo com a taça na mão – em alusão à volta 'olímpica' –, “gigante” em relação aos demais jogadores, remete à figura do herói, do ídolo, um simbolismo presente na Copa de 1994 em que Romário tem nos ombros a bandeira do Brasil. Nesse sentido, a figura mítica do herói constitui o enredo daquele que representa a nação naquela vitória tão importante, que coloca o Brasil em um raro momento de superioridade diante de todos os outros países do mundo. Em contrapartida, alertando para a desvantagem de sediar uma Copa e

sobre a desilusão na atual preparação da seleção brasileira para 2014, o editorial do jornal O Globo destaca:

Cada vez mais o patriotismo se distancia do lendário *scratch* e o público vê apenas atletas profissionais milionários em uma competição internacional. Quem ainda acredita que a honra nacional está em jogo? Ou que o brasileiro tem um dom divino para jogar bola melhor do que todo mundo? São ecos distantes de um tempo em que o futebol era um dos nossos raríssimos orgulhos entre tantas vergonhas de um país pobre e atrasado²¹.

Pode-se interpretar que houve um deslocamento do elemento coletivo – presente em todas as conquistas anteriores – para a figura do ídolo, a glorificação da trajetória de Ronaldo – igualando-se a Pelé como o maior goleador da história do Brasil em Copas –, revelando a construção identitária de uma mídia cada vez mais atomizada.

Nota-se que a imagem de Felipão (correndo atrás de Ronaldo) aparece maior em relação ao tamanho da caricatura dos demais atletas, o que remete à imponência de um “pai” diante de seus “filhos”, como foi divulgado ao longo da competição por muitos veículos midiáticos: “A família Scolari”.

3. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Os resultados das análises mostram que a primeira página cumpre o desafio de provocar, em sua narrativa, a “excitação” que acompanha o acontecimento narrado, e a produção, seleção e disposição das imagens são operacionalizadas para resgatar a emoção vivida (ELIAS; DUNNING, 1995).

Como veículo de comunicação em constante mudança, O Globo investiu em pessoal especializado e apresentou um grande avanço nas notícias esportivas, indicando aos leitores uma versão moderna, sob outro foco de linguagem e imagem. Paulatinamente essa dimensão atingiu uma fisionomia inteiramente diferente, mas manteve a essência da primeira página, a de coletar e apresentar notícias consideradas primordiais, especiais, singulares e transformadas em extraordinárias.

Percebe-se que a primeira página “vende” o jornal como um todo, legitima a sua importância. Assim como, a depender do momento político e histórico, traz

²¹ O Globo, 14 de set./2012, “Imagem na Copa”, Nelson Motta, p. 19.

aspectos da política nacional em todas as suas nuances, de acordo com os interesses estabelecidos, arbitrários ou não. O jornal e as ações do governo federal, nas três primeiras edições das conquistas até o tricampeonato para o Brasil, apresentam características análogas com Bourdieu (2011), ao afirmar que, quando estamos jogando, somos presas fáceis de vigiar, pois estamos nos envolvendo em uma atividade saudável e descarregando nossa violência simbólica nos adversários, em vez de descarregar nos edifícios ou incomodar o regime ditatorial vigente, nessa época turva da história do país.

Considera-se a investigação restrita, pois os argumentos e as análises propostos neste texto estão limitados a somente um veículo midiático. Obviamente tal fato constitui uma limitação, mas não invalida a pertinência do estudo. Portanto, os resultados não podem ser generalizados para outros periódicos impressos.

A construção imagética das capas do jornal O Globo apresenta uma circulação e um revezamento entre os elementos textuais, as narrativas, as fotografias e as charges enquanto componentes da memória coletiva. O jornal, ao se fazer perito da memória, valoriza a identidade, o sentimento nacional e a tradição. Funciona como repositório, impedindo a dispersão da tradição do futebol brasileiro, difundindo uma crença de hegemonia nas disputas das Copas (LOVISOLO, 1989).

No que se refere à significância que o esporte futebol e, mais especificamente, a competição Copa do Mundo alcança no cenário social brasileiro ao longo dessas conquistas, percebe-se que os investimentos nas narrativas, a partir da construção de imagens e textos, reforçam o sentido épico das vitórias, como expressão de uma coletividade, mas que tem seus heróis individualizados nas figuras do capitão, do artilheiro, do goleiro, do técnico. Ao mesmo tempo, esse sentido épico é balizado pelo exposto tom de “dever”, à medida que se destaca uma suposta superioridade inerente ao futebol brasileiro.

Possivelmente as narrativas – textuais e/ou imagéticas – das derrotas tendem a incorporar papéis antagônicos, mas que imprimem, a partir da compreensão de superioridade, a noção de dever, e acabam por relegar os atletas e técnicos à condição de vilões que não representaram, tal como deveriam, a nação.

MARCIA MOREL

Professora Assistente do Departamento de Ciências da Saúde/Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) /BA e Coordenadora do Grupo de Estudos em Representação Social e Mídia no Esporte (GERSOM).

MARCIAL COTES

Licenciatura Plena em Educação Física e Desportos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / 1988), Especialista em Biologia de Florestas Tropicais (2008) e Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC / 2004). Atualmente é professor Assistente no Departamento de Ciências da Saúde (DCS) da UESC e integra o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq em: Biologia de Dossel com atuação nas áreas de treinamento e Educação Ambiental; e Grupo de Estudos em Representação Social e Mídia no Esporte (GERSOM) na linha de representações sociais midiáticas e esportivas da sociedade contemporânea. Foi professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no Departamento de Ciências Naturais (DCN).

VINÍCIUS MOURA EÇA SANTOS

Graduando do curso de Licenciatura em Educação Física da UESC/BA e pesquisador do GERSOM.

DOIARA SILVA DOS SANTOS

Licenciada plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) Ilhéus-BA (2007). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2011). Doutoranda em Educação Física (2012)- University of Western Ontario, London, Canadá. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Representação Social e Mídia (GERSOM), UESC/BA. Membro do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) UFES.

ANA GABRIELA MEDEIROS

Mestre da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e colaboradora do GERSOM.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G.; SALVADOR, M. A. S. A pátria de chuteiras está desaparecendo? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p. 9-23, set. 2010.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. GUARESCHI, P. A. (Trad.). 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, p. 189-217.

BOURDIER, P. **Cuestiones de Sociología**. Tradução de Enrique Martín Criado. 4 ed. Madrid: Ediciones Istmo S.A., 2011.

CAILLOIS, R. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.

DAMATTA, R. **Universo do futebol**: futebol e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothèque, 1982.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca pela excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

FAUSTO, B. **O crime do Restaurante Chinês**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GINZBURG, C. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GONÇALVES, J. E. Futebol e poder: algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, G. K. (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 11-19.

LOVISOLO, H. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

LOVISOLO, H. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 77-99.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. GUARESCHI, P. A. (Trad.). 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. p. 319-342.

PHILLIPS, M. G. Deconstructing Sport History: The Postmodern Challenge. **Journal of Sport History**, v. 28, n. 3, p. 327-343, 2001.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. CASTRO, R. (Org.). São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SALDANHA, J. Bate-papo. In: DIEGUEZ, G. K. (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 11-19.

SERRES, M. **O mal limpo**: poluir para se apropriar. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SOARES, A. J. G.; HELAL, R.; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras. Estudos midiáticos**, Unisinos/RS, v. 6, n. 1, p. 61-78, jan./jul, 2004.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.